



**ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE IGUALDADE
RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR – UNIAFRO**

RENATA MARIA FRANCO RIBEIRO

**TRAJETÓRIAS E PERMANÊNCIAS DO AFRICANO/ESTUDANTES
GUINEENSES NA “TERRA DA LUZ” EM FORTALEZA - CEARÁ**

Redenção

2016

RENATA MARIA FRANCO RIBEIRO

**TRAJETÓRIAS E PERMANÊNCIAS DO AFRICANO/ESTUDANTES
GUINEENSES NA “TERRA DA LUZ” EM FORTALEZA - CEARÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar (UNIAFRO) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) para à obtenção do grau de Especialista, área de concentração Cultura Afro-Brasileira.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira.

**Redenção
2016**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

R367t

Ribeiro, Renata Maria Franco.

Trajatórias e permanências do africano/estudantes guineenses na “terra da luz” em fortaleza - Ceará. / Renata Maria Franco Ribeiro. – Redenção, 2016.

52 f.: il.; 30 cm.

Monografia do Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial da Diretoria de Educação a Distância da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Ricardinho Jacinto Dumas Teixeira.

Inclui figuras, quadros e referências.

1. Guiné-Bissau. 2. Imigração I. Título.

CDD 916.657

RENATA MARIA FRANCO RIBEIRO

**TRAJETÓRIAS E PERMANÊNCIAS DO AFRICANO/ESTUDANTES
GUINEENSES NA “TERRA DA LUZ” EM FORTALEZA - CEARÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar (UNIAFRO) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira para à obtenção do grau de Especialista, área de concentração Relações Étnico-Raciais.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Lourenço Ocune Cá
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Redenção

2016

AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento a Deus, de Abraão, de Isaque e de Jacó, pai de Jesus, a Alá, Deus supremo, criador do universo. A Iemanjá, a Deusa Mãe, dos mares, dos lagos, da família, do casamento e das mentes humanas. A Brama, Deus criador, do Universo, em que não há nenhuma realização, sem o livre consentimento do supremo. Aos meus antepassados indígenas, à minha ascendência negra africana.

Agradeço a oportunidade de estudar a História da África e políticas afirmativas para a população afro-descente, desenvolvida pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sediada no município de Redenção, no maciço de Baturité, Ceará.

Idealizada pela Lei n. 12.289, sancionada pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em 20 de junho de 2010, a Unilab garante o acesso ao ensino superior, em vários campos de saber, com a missão de assegurar o intercâmbio internacional com estudantes universitários, oriundo de diversos países, em especial, notadamente Portugal, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Timor Leste, países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), fundada em julho de 1996.

O meu agradecimento ao Prof. Dr. Franck Ribard e Prof. Dr. Eurípedes Funes, por desvelar África na oportunidade de estudar História da África em 2011 na UFC.

Desde o primeiro momento do anúncio a instalação da universidade, foi recebida, com muito entusiasmo, pois se tratava de uma oportunidade de dar continuidade a minha carreira acadêmica-profissional, inclusive a de outros professores/as dos municípios circunvizinhos.

Eu, como professora da educação básica, percebi, logo, a possibilidade de ampliar meus conhecimentos, na linha de pesquisa relações étnica racial, bem como em história africana, cultura afro-brasileira e literatura africana.

A Especialização Histórias e Culturas Afro-Brasileiras, Indígenas e Africanas foi esperada com muita euforia, cujo requisito era o de exercer o Magistério na Educação Básica, no município de Redenção ou no Ceará. Nesse momento não foi possível, mais tarde, surgiu à oportunidade de participar do curso sobre a Diversidade e Complexidade das Sociedades Africanas, em diversos aspectos, curso de curta duração, de apenas 20 horas, ministrado pelo Prof. Carlos Subuhana, de Moçambique. O curso, realizado em 2012, “africanizaram nossas mentes”, como lembrou uma “amiga de História de África”, Renata Leite.

Não posso deixar de agradecer o incentivo do Prof. Dr. Bruno Okoudowa, de Gabão, o primeiro professor francófono na Unilab, atualmente trabalhando e residindo em Canadá.

Conhecemo-nos em 2013, durante a realização do II Seminário Interdisciplinar das Ciências da Linguagem, no IHL, UNILAB. Ele ministrou um minicurso intitulado “Introdução à Linguística Africana: as línguas bantas”.

Ele é um grande ser humano e intelectual que me chamou bastante atenção, com o seguinte pensamento: “devemos nos apegar o que nos aproximam, nos assemelham, não o que nos distanciam”. E isto é um dos objetivos da Unilab.

A minha amiga, Profa. Iranize Guimarães, sem ela teria sido mais difícil terminar esse curso, pelo incentivo e a companhia. A Profa. Elane Silveira, pelas trocas de figurinhas e informações na trajetória do curso. Aos tutores, professores, secretaria, à coordenação do curso (UNIAFRO). A Profa. Dra. Vilma Terezinha, minha amiga, da (UEA), Universidade do Estado do Amazonas, mesmo longe e com muitos compromissos da universidade, entre viagens e orientações dos seus alunos, sempre se colocou à minha disposição. Obrigada Vilma, sabes da minha admiração pelo seu comprometimento e simplicidade.

Aos estudantes guineenses, meus interlocutores, pela aprendizagem e companhia sempre que possível e se fez necessário. Ao Movimento Pastoral Africano, na pessoa do estudante Alberto Imbundé. A Associação de Estudantes Africanos no Ceará, na pessoa do Gino Pereira, atual presidente. A Associação dos estudantes guineenses no Ceará, na pessoa do Cristiano Sanca, atual presidente.

Aos malungos guineenses Narciso Mendes, Veniciano Nosoliny, Tito Dju, Adriano Cuma, Nino, Garinja, Afonso, Fernando, por contar-me histórias da Guiné-Bissau.

A minha eterna gratidão ao meu pai, Antônio José e Francisca Lucileide, por ter cuidado do meu filho, Antônio Esaú, no decorrer do curso, durante as aulas presenciais, dedicação aos estudos dos módulos, pesquisa e escrita do TCC.

Ao meu companheiro, Antônio Correia, pela presença familiar e apoio ao nosso filho. Baran, Antônio (obrigado em língua *manjaca*, da Guiné-Bissau). À Malunga Scyla, pela grandiosidade, sabedoria, mulher de personalidade admirável. A E.M.E.I.E. F Linha da Serra, escola em que trabalho em Guaramiranga, pela compreensão nas minhas ausências, quando era necessário para pesquisa.

Agradeço ao amigo, Renê Moreira, que me fascina quando fala de África.

Agradeço ao orientador, Prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira, pela oportunidade da aprendizagem.

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, Antônio Esaú, que desde tão pequeno, ainda com 1 ano e 9 meses, me deu forças suficientes nos momentos exaustivos na elaboração de TCC. Considero-o um guerreiro africano, guerreiro da mamãe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Regiões e ilhas da Guiné-Bissau

Mapa 2- Fluxo Migratório da Diáspora Africana

Quadro 1- Africano-estudantes vindos para o Brasil pelo PEC-G

Figura 3- Mapa brasileiros pelo mundo

Figura 4- Panfleto para estudar no Brasil – Fatene e Evolução

Figura 5- Símbolo do Movimento Pastoral Africano

Imagem 6- Estudantes Guineenses na Conferência das Nações Unidas

Imagem 7 e 8- Cartaz do evento 1ª Semana de Talentos Africanos

Imagem 9- Processo de Integração

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AEAC**- Associação dos Estudantes Africanos no Ceará
- AEGBCE**- Associação de Estudantes de Guiné-Bissau no Estado do Ceará
- ACNUR** Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
- CE**-Ceará
- CONARE**-Conselho Nacional dos Refugiados
- DCE**- Divisão de Temas Educacionais
- MEC**- Ministério da Educação
- FATENE**- Faculdade de Tecnologia do Nordeste
- FIC**-Faculdade de Integração do Ceará
- IES**-Instituições de Ensino Superior
- IHGB**-Instituto de Histórico e Geográfico Brasileiro
- INE**- Instituto Nacional de Geografia de Guiné-Bissau
- INT**- Assessoria de Assuntos Internacionais
- IBGE**-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ONU**-Organização das Nações Unidas
- OPLOP**-Observatório dos Países de Língua Oficial portuguesa
- PALOP** - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
- PEC-G**- Programa Estudante Convênio – Graduação
- PNAD**- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
- UNILAB**- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

RESUMO

A pesquisa analisa a trajetória e a permanência de estudantes guineenses na “terra da luz”, Fortaleza, Ceará. É nosso interesse investigar as vivências, os dilemas, os conflitos e as relações étnico-raciais dos migrantes estudantes que saíram da Guiné-Bissau para Fortaleza com o objetivo de estudar. A vinda desses estudantes se deve a propaganda desencadeada pelas Faculdades privadas, Fatene e Evolução, bem como pelo apoio das famílias africanas. Os africanos presentes em Fortaleza, hoje, vieram por diversos motivos, seja a procura de trabalho, seja a procura de proteção pessoal do Estado brasileiro, no caso dos refugiados, ou ainda aqueles que vieram estudar em universidades brasileiras, por meio dos acordos de cooperação educacional e cultural que o Brasil mantém com os países africanos, especialmente, os que têm o português como a língua oficial de comunicação. Há ainda os que vieram por conta própria ou contou com algum tipo de proteção familiar. Destacam-se, nas falas dos estudantes, as dificuldades no novo lugar de moradia, bem como a adaptação e a integração nos espaços acadêmicos, enfrentamento ao preconceito racial, perspectivas de retorno ao país de origem, com diploma internacional alcançado. Todavia, os mesmos se deparam com o dilema entreficar ou retornar tendo em vista, que o país de origem, Guiné-Bissau, não se encontra em situação político-institucional favorável que pudesse garantir o processo de retorno e encontrar a possibilidade de dar continuidade à vida acadêmica como uma segunda graduação, especialização, mestrado e doutorado, segundo o depoimento de alguns membros do grupo entrevistado. Conclui-se que os estudantes guineenses tecem estratégias de integração e sociabilidades integrando-se as associações estudantis, pastorais, intercâmbios culturais e palestras para o enfrentamento das dificuldades em Fortaleza.

Palavras-chave: Imigração. Estudantes. Integração. Fortaleza. Guiné-Bissau

RESUMEN

Una pesquisa analisa um correo trajetória una permanencia de Estudiantes guineenses na "Terra da Luz", Fortaleza, Ceará. É nosso interesse Investigar como vivencias, dilemas OS, OS Conflitos correo como Relações Etnico-raciais dos migrantes Estudiantes Que saíram da Guiné-Bissau párrafo Fortaleza com o objetivo m de estudar. Un vinda desses Estudiantes se deve una propaganda desencadeada pelas Faculdades Privadas, Fatene e Evolução, bem Como pelo apoio das famílias africanas. Os africanos Presentes em Fortaleza, hoje, vieram por DIVERSOS: motivos, seja a procura de trabalho, seja a procura de Proteção pessoal do Estado brasileiro, sin Caso dos Refugiados, ou ainda aqueles Que vieram estudar em Universidades Brasileiras, por meio dos Acuerdos de Cooperação educacional e culturales que o Brasil mantém com os Países africanos, especialmente, el sistema operativo que tem o português Como una lengua oficial de Comunicación. Há ainda os Que vieram por conta Própria ou com contou sândalo tipo de Proteção familiar. Destacam-se, nas Falas dos estudantes, como dificuldades sin novo Lugar de moradia, bem Como un adaptação e a integração nos Espacios Acadêmicos, enfrentamento ao Preconceito racial, Perspectivas de retorno ao país de origem, com diploma internacional alcançado. Todavia, os mesmos se deparam com o dilema Entre ficar ou Retornar tendo em vista, que o país de origem, Guiné-Bissau, não se encontra em Situación político-institucional favorável Que pudesse garantir o processo de retorno e ENCONTRAR un Possibilidade de dar continuidade a Vida Académica Como uma Segunda graduação, especialização, mestrado e doutorado, segundo o depoimento de alguns membros do grupo Entrevistado. CONCLUI-se que os estudantes guineenses tecem Estratégias de integração e sociabilidades Integrando-se como Associações estudantis, pastorais, Intercambios Culturais e palestras para o enfrentamento das dificuldades em Fortaleza.

Palabras Clave: Estudante. Inmigración. Fortaleza. Guiné-Bissau.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 1. METODOLOGIA E OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA | 13 |
| CAPÍTULO 2. UNIVERSO ESTUDADO GUINÉ-BISSAU E SUA HISTÓRIA | 15 |
| 2.1 Presenças dos grupos étnicos | 16 |
| 2.2 Colonização e resistências | 17 |
| 2.3 Hierarquização social colonial e a luta pela independência | 17 |
| CAPÍTULO 3. PROCESSO MIGRÁTÓRIO NO MUNDO | 18 |
| 3.1 Contexto migratório no Brasil | 20 |
| 4. DISCUSSÃO DO QUADRO TEÓRICO | 21 |
| 4.1 Análise das informações sobre a trajetória de estudantes | 24 |
| 4.2 Acolhimento e integração social | 30 |
| 4.3 Sociabilidades e estratégias de integração | 33 |
| 4.4 Integração nos espaços acadêmicos | 41 |
| 4.5 Perspectivas para o retorno à terra natal | 42 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 45 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 47 |
| 7. ANEXOS | 51 |

INTRODUÇÃO

A pesquisa analisa a trajetória e a permanência de estudantes guineenses na “terra da luz”, Fortaleza, Ceará, por ter sido a primeira província brasileira abolir formalmente a escravidão em março de 1884. O estudo analisou as vivências, os dilemas, os conflitos, as relações étnico-raciais, no lugar de “acolhimento” dos chamados “novos moradores” em Fortaleza, cidade com forte presença africana.

A realidade encontrada em Fortaleza foi bastante diferente daquela imaginada por esses imigrantes estudantes, que saíram da Guiné-Bissau, motivados pela propaganda enganosa de obtenção de um Diploma de Ensino Superior pelas Faculdades Fatene e Evolução em Fortaleza.

Esse último concentrava os estudantes majoritariamente guineenses. É nossa preocupação entender como eles se interagem, nesse cenário acadêmico, com a falta de apoio sócio pedagógico e o desconhecimento sobre a África em Fortaleza, suas inserções culturais, nos espaços sociais para construção de novas relações e possibilidade de integração na chamada “terra da luz”.

O discurso oficial nega a presença do negro no Ceará, segundo dados do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), de fomento à pesquisa no Brasil.

Apesar de Brasil e África estar ligada pela história, pela cultura e pela religião, a presença do negro no Ceará é “invisibilizada” em decorrência de uma falsa memória coletiva do mito da democracia racial (MUNANGA, 2004, p. 37).

Além da UNILAB, também existe o Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) e Pós-Graduação (PEC-PG), em nível de mestrado e de doutorado. Trata-se de estudantes que saem da África, América Latina e Caribe, para estudar no Brasil.

No caso da nossa pesquisa, procurou-se entender quais os critérios para a escolha do curso e cidade de destino? O que motivou esses estudantes a vir para o Brasil? Como são recepcionados? Que realidades encontraram ao desembarcarem em Fortaleza? Que estratégias criaram em face de integração e adaptação nesse cenário? Que perspectivas tecem para o retorno à terra natal? São questões que nortearam nosso olhar no desenvolvimento da pesquisa de campo em Fortaleza.

O trabalho está organizado em quatro partes. A primeira parte discute o aporte metodológico e procedimentos adotados na pesquisa: etnografia, observação, realização de entrevistas semi-estruturadas.

A segunda parte aborda contexto da Guiné-Bissau e sua formação histórica e geográfica. Analisamos a construção da nação guineense e o processo de democratização na Guiné-Bissau, no período entre os anos de 1994 a 2006.

A terceira parte analisa o debate sobre o processo migratório: África/Brasil. Analisamos o papel do fenômeno migratório da mobilidade africana, tendo por foco o contexto migratório do Brasil. A mobilidade humana é um dos processos sociais de maior relevância para os estudos culturais, pois reflete a dinâmica de circulação de pessoas, de bens e saberes e de conhecimento.

A quarta parte aborda temas relacionados com as trajetórias de estudantes guineenses: processo de adaptações, no lugar de acolhimento, onde os entrevistados narram o que motivaram a vir para Brasil-Ceará. Damos atenção sobre o processo de acolhimento, quando chegaram a Fortaleza. Focalizamos estratégias e perspectivas de retorno para o país de origem, após a formação.

Nas considerações finais, apresenta o resultado da pesquisa, onde os estudantes guineenses revelaram nas entrevistas e em conversas informais, estarem surpresos pelo lugar ocupado pela África no imaginário coletivo-social, permeada por estereótipos negativos. Os mesmos ficaram surpresos com a realidade encontrada no lugar de acolhimento bem diferente do que estão acostumados a ver nas telenovelas.

Assim, espera-se contribuir com o conhecimento sobre a temática no campo de ciências sociais e humanas, tanto no Brasil, quanto nos países parceiros e na Guiné-Bissau.

1. METODOLOGIA E OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Neste trabalho, a metodologia empregada consiste principalmente em procedimentos adotados na pesquisa qualitativa em Humanidades, utilizando recursos metodológicos combinados, quais sejam: a prática da etnografia, no âmbito da disciplina antropológica a partir da convivência da pesquisadora junto aos estudantes guineenses, objeto da nossa pesquisa.

A pesquisa etnográfica consiste no exercício do olhar e do escutar que coloca a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se colocar no interior do fenômeno por ela observada (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000). Isso porque toda a pesquisa se coloca dentro de um contexto, daí a necessidade da vigilância epistemológica. Tal vigilância precisa considerar também a necessidade de rupturas epistemológicas a partir dos sentidos reflexivos da trajetória dos sujeitos sociais (BOURDEAU, 1999). No caso da nossa pesquisa buscamos entender as trajetórias e permanências de estudantes guineenses em Fortaleza /CE, segundo suas visões.

Para obtenção de dados, utilizou-se também a entrevista semi-estruturada com os estudantes guineenses em Fortaleza, a fim de captar suas percepções e suas trajetórias acadêmicas, inserção social e o racismo em Fortaleza. Para Trivinõs (1991, p. 151), a entrevista semi-estruturada está interessada em um tema sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas centrais, acrescidas de outras perguntas, anteriormente não previstas. O roteiro de questões não pode ser monolítico, possibilitando a pesquisadora uma visão mais ampla do fenômeno.

Para a obtenção e análise de informação, para este trabalho, através de entrevistas, foram colocadas questões sobre a nacionalidade, a idade, o local de nascimento, o tempo de residência em Fortaleza, o local de moradia, o curso, o período letivo, área de conhecimento, os desafios e as perspectivas profissionais. Para ampliar o escopo, procedeu-se à pesquisa bibliográfica, pesquisando nos livros e revistas, bem como visitas as organizações que representam estudantes guineenses no estado do Ceará (AEGB-CE).

Foram entrevistados 40 estudantes, mas selecionamos para análise apenas 11 entrevistas. As entrevistas foram realizadas em dois períodos: de agosto de 2011 a junho de 2014 e de maio de 2015 a Março de 2016. A idade dos entrevistados varia de 20 a 37 anos, mais homens do que mulheres estudantes.

Pesquisar as trajetórias dos sujeitos sociais, processos de integração, estratégias de adaptação, sociabilidade, integração nos espaços acadêmicos e lugar de acolhimento, só

podem ser devidamente captadas por meio da pesquisa qualitativa. Como Minayo afirma, o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo, pois a realidade é dinâmica e cheio de sentidos. (MINAYO, 1994, p.15).

Foi a partir dessa percepção, baseada nos pressupostos da pesquisa qualitativa, que traçamos nossos objetivos da pesquisa e análise, a fim de compreender os sentidos que os estudantes atribuem suas trajetórias acadêmicas.

A teoria base para nossa análise, leva em considerações as contribuições de Subuhana (2007), com uma longa trajetória intelectual, no estudo de “Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais”. O autor analisa imigração temporária e evidenciou suas redes de relações: desde o momento de afastamento do ambiente familiar até chegar o país de imigração (Brasil).

Autores como Có (2011) e Tcham (2012), ex-estudantes africanos do PEC-G, analisam formas de sociabilidades e reconfiguração identitária de estudantes africanos vinculados ao Programa de Estudantes Convênio de Educação de Educação em Universidade, de Fortaleza e Natal, Recife e Alagoas cidades nordestinas.

Gomes (2011-2012) e Munanga (2004-2005) discutem sobre as várias faces das práticas racistas, marcadas pelas relações raciais no Brasil que prejudicam a construção de uma sociedade plural, libertária, democrática e igualitária para todos.

Os temas, aqui discutidos, abrangem questões sobre a diáspora africana e imigração em Portugal, no Brasil, de estudantes africanos de língua oficial portuguesa (Angola, Moçambique Cabo-Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe), incluindo Timor Leste, no Sudeste Asiático, um dos países mais novo da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa, CPLP, fundada em julho de 1996.

São jovens da chamada segunda geração de imigrantes: a “geração perigosa” aos olhos do mundo europeu, mas também do Brasil, devido fluxos migratórios. O tema de educação, ensino superior, discutido por Gusmão (2014), releva trajetórias estudantis, múltiplas e diversas, que envolve a profissionalização.

A parte a seguir, discute a formação geográfica e social da Guiné-Bissau. É nossa intenção compreender o contexto histórico, cultural, econômico, político desses estudantes, possibilitando, desta forma, analisar suas trajetórias em Fortaleza.

2. UNIVERSO ESTUDADO: GUINÉ-BISSAU E SUA HISTÓRIA.

Geopoliticamente a história da região que hoje corresponde a atual Guiné-Bissau quase se confunde com a dos reinos mandingas, anterior à chegada dos europeus, com a presença de diversos povos, culturas, tradições, línguas e costumes próprios. O português é a língua oficial, mas o crioulo (uma língua Inter étnica) é falado por mais de 40 etnias, depois das línguas étnicas maternas. (AUGEL, 2007)

A Guiné-Bissau, localizada na Costa Ocidental da África, constituída por uma parte continental e outra insular, faz fronteiras com a República do Senegal, ao norte, e República da Guiné-Conacri, nas fronteiras leste e sul.

Além do território continental, acrescenta-se o arquipélago dos Bijagós, com mais 80 ilhas, cuja separação do continente é feita pelo Rio Geba. O país possui oito regiões (Bafatá, Gabu, Cacheu, Biombo, Bolama, Tombali e Quinara) eo Setor Autônomo de Bissau, centro administrativo e político. O mapa, abaixo, apresenta as regiões, os setores e as ilhas que compõe o Arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau.

Mapa 1 - Regiões e ilhas da Guiné-Bissau



Fonte: Wikipédia (2016)

As regiões e os setores são habitados por diferentes grupos étnicos, com suas religiões e culturas próprias, não obstante algumas aproximações que os caracterizam enquanto grupos.

2.1 Presença dos grupos étnicos

Os grupos mais numerosos são os Balantas (30% da população), os Fulas (20%), Felupes, Manjacos (14%), Mandingas (13%), e os Papel (7%). Fulas e Mandingas dedicam ao comércio. No Norte, predominam os Balantas, produtores de arroz e gado bovino. Ao Leste, temos Fulas e Mandingas, enquanto os Bijagós habitam o arquipélago, com o mesmo nome. É uma sociedade matriarcal, com predomínio das mulheres.

As religiões étnicas representam 45,2%, seguindo-se a religião islâmica, (39,9%), cristãos (13,2%), católicos (10%). População masculina representa (49.6%). A população feminina corresponde (50.4%) para um universo de 1.530.673 habitantes. (INE, 2015).

A presença dos grupos étnicos é anterior à presença europeia na Guiné-Bissau, quer do ponto de vista de suas organizações sociais, políticas, econômicas, religiosas e étnicas, querem no que tange às formas de organização e de funcionamento. Tais estruturas começaram a sofrer ameaças a partir do processo de colonização, que desconsiderou as formas de organizações locais por novos modelos impostos.

2.2 Colonização e resistências

O território que atualmente corresponde ao país da Guiné-Bissau foi uma ex-colônia de Portugal. A presença portuguesa se deu em 1446, que o navegador português Nuno Tristão, vindo da costa senegalesa, aportou no trecho que mais tarde constituiria a província da “Guiné portuguesa”. (AUGEL, 2007, p. 57)

Os colonizadores instalaram feitorias para a realização do tráfico de pessoas para América e Europa, nos princípios do Século XV. Por muitos séculos, o território da Guiné-Bissau foi administrado atrelado ao arquipélago de Cabo Verde, ponto de tráfico transatlântico. Segundo Teixeira (2008, p.16)

O domínio português começou na região no século XVI, quando colonos estabeleceram uma vila às margens do rio Cacheu. A economia na época restringia-se ao tráfico de escravos, produção e comercialização de amendoim. [...] O domínio comercial dos portugueses em Guiné-Bissau foi conseguido principalmente através de métodos coercitivos e autoritários. Entre eles, destacam-se o cultivo forçado do amendoim, do arroz, do algodão e a entrega obrigatória das colheitas e das melhores terras, além dos habitantes serem forçados a vender sua força de trabalho por preços insignificantes e obrigados a plantar produtos que não tinham nenhuma relação com suas vidas. (TEIXEIRA, 2008, p. 16)

Os portugueses encontraram diferentes resistências dos povos nativos, donos de terras, *dunus di tchon*, entre elas resistência contra pagamento de impostos cobrados pelos portugueses, a não aceitação dos preços baixos do valor, fugas ao trabalho forçado, entre outras formas de resistências na Guiné-Bissau.

A população, mesmo confrontada com a repressão colonial, não aceitaram passivamente essas imposições, criaram estratégias de enfrentamento, lutando contra todas as formas de negação ou substituições de suas culturas e tradições.

2.3 Hierarquização social colonial e a luta pela independência

O colonialismo hierarquizou a populações locais entre “assimilados” e gentios ou “não assimilados”. O primeiro grupo, de origem urbana, foi regulamentado pelas leis do Estado colonial, enquanto o segundo, de origem rural, foi regido pelo poder tradicional. Essa hierarquização criou uma sociedade colonial dualista.

Em 1879, atual Guiné-Bissau, constituiu-se juridicamente em colônia de Portugal, separada de Cabo Verde, e recebeu o nome da Guiné-Portuguesa frente às disputas fronteiriças com a França que dominava o Senegal. Somente a partir de 1935 os portugueses passam a exercer o poder e o controle efetivo sobre todo o território da Guiné Bissau devido às resistências locais (TEIXEIRA, 2008, p.17).

Em meados da década de 1950, os africanos empreenderam ações a reivindicação de independência. Alguns enveredaram pelo caminho de luta armada porque o regime colonial português matinha reticência em negociar com os movimentos de libertação. As ideias libertárias se expandiam, com figuras de destaque como Agostino Neto e Mário Pinto de Andrade, angolanos, Eduardo Mondlane e Samora Machel, moçambicanos, e Amílcar Cabral e Vasco Cabral, guineenses, ex-estudantes africanos da Casa dos Estudantes do Império criado em 1944, pelo regime colonial português, com o objetivo de formação uma elite intelectual que pudesse ser enquadrada nos objetivos do Estado colonial.

Não obstante a luta, as dificuldades em se lidar com as estruturas do Estado colonial pós-independência permaneceram, colocando novos desafios ao PAIGC.

A ideia da democracia revolucionária e da construção da unidade nacional, como condição para o desenvolvimento (erradamente interpretada como modernização), por parte do governo do PAIGC, o Estado pós-colonial não era mais do que uma continuação dos vícios do Estado herdado durante a colonização. Como consequência dessa herança, desenvolveu-se um modelo de Estado que ignora à diferença e as contradições e visões

adversárias a ideologia do regime do partido único do qual o Estado garante legitimidade na base de repressão. (TEIXEIRA, 2007, p. 62)

O primeiro Presidente, da Guiné-Bissau, Luís Cabral, foi um dos principais líderes de resistência ao colonialismo. Ele é meio irmão de Amílcar Cabral, líder fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau (PAIGC), fundado na clandestinidade em 1956¹. O país teve sua independência em 1973.

Em 14 de novembro de 1980 houve um golpe de Estado contra o governo de Luís Cabral, o que ficou conhecido por *Movimento Reajustador*, liderado pelo guineense João Bernardo Vieira, combatente de luta. Golpe levou a separação dos dois países, unidos pelo PAIGC, pela causa comum de independência nacional.

Guiné-Bissau entrou no caminho da democracia e realizou suas primeiras eleições em 1994, depois de um longo período sob o regime de partido único. O PAIGC, que dirigiu a luta de libertação, foi reconduzido ao poder através de eleições multipartidárias, no contexto internacional da democracia liberal em África.

Apesar de eleições, o país ainda convive com sucessivas instabilidades democráticas, com fortes influências negativas na organização social do país. Guiné-Bissau oferece pouca perspectiva profissional aos recém-formados, no entanto há um número significativo de guineenses fora do país, qualificados em diversas áreas de conhecimento, inclusive nas Universidades brasileiras e europeias.

3. PROCESSO MIGRATÓRIO NO MUNDO

É inegável, hoje, a dimensão global das migrações internacionais. Não há país ou região do planeta que esteja “imune” ao fenômeno migratório, fluxo de indivíduos que entram e saem do lugar de origem (FONTES, 2015, p. 23). Da mesma forma não existe povo que não tenha recebido a influência de diversos fluxos de migrantes ao longo de sua formação histórica, social e cultural.

A migração constitui um elemento permanente na história do homem e é tão antiga quanto à própria humanidade. Estudiosos e pesquisadores das migrações defendem a tese de que a maioria das migrações africanas ocorre dentro do continente. As decisões e as motivações variam de um indivíduo para outro. Os destinos migratórios, “para onde migrar” e “quando migrar”, variam amplamente: questões climáticas, étnicas, de trabalho, perseguição

¹ Não existe uma unanimidade sobre essa data, por parte de alguns historiadores. A confirmação ou não da data continua em aberto

3.1 Contexto migratório no Brasil

O processo de imigração em geral ocorre por motivos diversos como pessoais, busca de melhores condições de vida, de trabalho, por parte dos que imigram, formação de grupos vulneráveis, ou ainda para fugir de perseguições ou discriminações por motivos políticos ou religiosos. Contudo esse processo, como aponta (FIRMEZA, 2007, p.23) o fenômeno das migrações internacionais apresenta hoje caráter multidimensional e envolvem questões tão diversas quanto à globalização dos mercados de trabalho e desenvolvimento econômico. Entende-se por como imigração o fluxo do movimento de entrada, com ânimo permanente ou temporário e com a intenção de trabalho ou residência, de pessoas ou populações, de um país para outro.

De acordo com Firmeza, até recentemente, o Brasil era essencialmente um país de imigração:

No período compreendido entre 1985 e 1987, saíram do país cerca de 1,2 milhão de brasileiros. O número de nacionais residentes no exterior foi estimado em 1,8 milhão, em 1995, alcançando o patamar aproximado de 2,6 milhões em 2005. Ao longo desses anos, surgiram comunidades de dimensões inéditas nos EUA, Japão e alguns países da América do Sul e da Europa Ocidental. (FIRMEZA, 2007, p.07)

Figura 3 - Mapa brasileiros pelo mundo



Fonte: Itamaraty (2010)

Ao longo das últimas décadas muito esforço foi empreendido na tentativa de compreender quais mecanismos sociais atua para estimular a migração.

O Brasil estima uma população atual de 203,2 milhões de habitantes (Pnad 2014 - IBGE). Com Expectativa de vida: 73,4 anos, sua proporção dos sexos: 98,4 milhões de homens e 104,7 milhões de mulheres. (PNAD e IBGE, 2014)

As estimativas apontam que, no ano de 2025, a população brasileira deverá atingir 228 milhões de habitantes, contudo a diminuição na taxa de fecundidade e aumento da expectativa de vida tem provocado mudanças significativas na pirâmide etária brasileira. Há algumas décadas, ela possuía uma base larga e o topo estreito, indicando uma superioridade de crianças e jovens. Atualmente ela apresenta características de equilíbrio. (Pnad 2014 – IBGE)

Alguns estudiosos afirmam que, mantendo-se estas características, nas próximas décadas, o Brasil possuirá uma população com mais adultos e idosos do que crianças e jovens. Um problema que já é enfrentado por países desenvolvidos, principalmente no continente europeu, que começa a ganhar força na sociedade brasileira contemporânea.

No entanto o Brasil vive, há cinco anos, um novo fenômeno: em um mundo permeado por conflitos, o Brasil recebe cada vez mais refugiados. De acordo com dados da Agência das Nações Unidas para Refugiados, por intermédio do Alto Comissariado da ONU para Refugiados, o número total de pedidos de refúgio aumentou mais de 930% entre 2010 e 2013, isto é, de 566 para 5.882. (ACNUR, 2015)

A maioria dos solicitantes de pedidos de refúgio, no Brasil, é oriunda do Senegal, de Gana e da Nigéria, seja por razões econômicas, seja por questões políticas ou religiosas. Em 2016, foram 2.575 requerimentos de pedidos de senegaleses entraram com os requerimentos no ano passado. Na segunda colocação, em solicitação de estatuto de refugiados, são os da Nigéria, com 1.116 pedidos, seguida da Síria, com 1.075 solicitações. (CONARE, 2015)

Os imigrantes africanos sofrem com a herança de uma sociedade com herança colonial, patriarcal e racista. Os estudantes universitários e refugiados políticos são os que mais sofrem, além de crianças e mulheres, dois grupos vulneráveis da sociedade.

4. DISCUSSÃO DO QUADRO TEÓRICO

Os africanos presentes em Fortaleza, hoje, vieram ao Brasil por diversos motivos: procura da proteção do Estado brasileiro, trabalho, refúgio, estudo nas universidades brasileiras, alguns no quadro de cooperação Brasil/África. Segundo a Divisão de Temas Educacionais (DCE), órgão federal do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, MRE, a ideia da criação de um Programa de Governo para amparar estudantes de outros países adveio

do incremento do número de estrangeiros no Brasil, já nos princípios de 1960, bem como das consequências que este fluxo trouxe para a regulamentação interna do status desses estudantes no Brasil.

Em 1965 foi lançado o primeiro Protocolo PEC-G. Atualmente, o Programa é regido pelo Decreto Presidencial n. 7.948, publicado em 2013, que confere maior força jurídica ao regulamento, como aponta o Ministério da Educação (MEC, 2016).

Os acordos acadêmicos também celebram novas formas de circulação de cidadãos de vários países africanos pelo mundo e, em especial, para o Ceará-Brasil. Para Tcham (2016), nas últimas décadas, foram mais de 6.000 estudantes-convênios os selecionados pelo Programa PEC-G, com destaque para Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola, como mostra os dados abaixo:

Quadro 01: Africanos-estudantes no Brasil

 **PEC-G - Selecionados - África - 2000 a 2015**

| PAÍS | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | TOTAL |
|-----------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|
| Angola | 3 | 21 | 29 | 23 | 33 | 11 | 31 | 28 | 91 | 68 | 48 | 83 | 63 | 53 | 59 | 77 | 721 |
| Argélia | | | | | | | | | | | | | | | | | 2 |
| Benin | | | | | | | | | 11 | 5 | 7 | 19 | 39 | 37 | 73 | 48 | 239 |
| Cabo Verde | 117 | 65 | 227 | 263 | 192 | 230 | 314 | 265 | 381 | 206 | 133 | 74 | 155 | 88 | 104 | 119 | 2933 |
| Camarões | | | 1 | | | | | 2 | 1 | | 3 | 6 | 3 | 9 | 7 | 3 | 35 |
| Costa do Marfim | | | | 1 | 1 | | | 3 | 1 | | | | 1 | 4 | 9 | 4 | 24 |
| Gabão | | 11 | | 2 | 1 | 1 | 3 | 4 | | | | | | | 3 | 4 | 29 |
| Gana | 2 | 3 | 7 | 9 | 11 | 6 | 3 | 3 | 6 | | 1 | 1 | | 7 | 26 | 23 | 108 |
| Guiné-Bissau | 36 | 88 | 111 | 97 | 58 | 186 | 159 | 19 | 133 | 181 | 95 | 55 | 118 | | | | 1336 |
| Mali | | | | | | | 2 | | | | | | | | | | 2 |
| Moçambique | 12 | 13 | 27 | 21 | 26 | 27 | 13 | 9 | 4 | 4 | 9 | 7 | 8 | 13 | 13 | 9 | 215 |
| Namíbia | 1 | 1 | | | | | | | | | | | | | | 6 | 8 |
| Nigéria | 9 | 6 | 7 | 11 | 14 | 27 | 19 | 22 | 32 | | | 12 | 1 | 2 | 6 | 2 | 170 |
| Quênia | | 4 | 14 | 14 | 11 | 12 | 5 | | 6 | 3 | 3 | 3 | | 2 | | 4 | 81 |
| R. D. Congo | | | | | | | | 9 | 106 | 46 | 78 | 92 | 28 | 19 | 12 | 25 | 415 |
| Rep. Congo | | | | | | | | | | | | | 4 | 6 | 4 | 2 | 16 |
| S. Tomé e P. | | | 24 | | 47 | 147 | 35 | 13 | 12 | 4 | 6 | 19 | 12 | 3 | 19 | 17 | 358 |
| Senegal | 7 | 2 | 4 | 1 | 1 | 3 | 5 | 1 | | | | 1 | 1 | 4 | 1 | 6 | 37 |
| Togo | | | | | | | | | | | | 4 | 11 | 8 | 3 | 6 | 32 |
| TOTAL | 187 | 214 | 451 | 442 | 395 | 650 | 589 | 378 | 784 | 517 | 383 | 376 | 444 | 255 | 339 | 357 | 6761 |

Fonte: Ministério das Relações Exteriores – MRE - Brasil

As vagas são gratuitas e as condições a serem atendidas pelos candidatos às vagas são: conclusão do ensino médio, atualmente aplica-se provas de proficiências para estudantes da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP); comprovantes de capacidade de custeio de despesas advindas da manutenção no Brasil (alimentação, moradia, transporte, etc.) durante todo o período do curso no país. (INT).

Segundo Tcham (2012) convém ainda ressaltar em relação ao contexto migratório europeu, para fins estudantis:

No contexto europeu, a circulação internacional para fins de estudos está presente desde a Idade Média. No contexto africano, a circulação dos alunos das escolas corânicas, os chamados *marrabus* (anciões), remonta ao século XVII e marca uma das primeiras formas de mobilidade de pessoas com fins de estudos na África. No plano econômico, a partir do governo Luís Inácio Lula da Silva, ocorreu uma redefinição da diplomacia brasileira nas suas relações com os países africanos (TCHAM, 2012, p.04).

Na esfera política e diplomática, o governo do presidente Luiz Inácio da Silva (2003-2010) ampliou os interesses do Brasil na África, colocando-os em novas bases, novos conceitos, expandindo fronteiras de cooperação como parte de uma nova estratégia global.

No campo econômico, o Grupo dos 20, criado em dezembro de 1999 por países de economias mais avançadas com o objetivo de fortalecer negócios internacionais, revelou um novo papel às economias em desenvolvimento na nova conjuntura global.

O discurso de “dívida histórica” e afinidades étnicas do Brasil para com a África deixam de ser meramente econômico e articula a dimensão cultural. A diplomacia cultural passa a ser um instrumento da política externa. A ênfase na presença africana no Brasil, empreendida pelo governo, também leva em consideração a promoção da cultura brasileira em África: música, novela, desporto, turismo, carnaval, samba, culinária, técnicas, saberes e tecnologias como instrumentos políticos estratégicos do governo.

Em 2011, em seu discurso no “Colóquio sobre as Relações Brasil e África”, Aldo Rebelo, deputado e presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, exaltou a presença africana como grande força do Brasil, onde “cada passo se topa com a África, uma África modificada, temperada pelo índio, pelo português, por outros europeus, árabes e asiáticos. Aqui está nossa África brasileira: Aleijadinho, Zumbi, Pelé, Machado de Assis, Pixinguinha, Gilberto Gil, Xica da Silva, Didi, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, entre outros” (REBELO 2011, p. 93).

Por outro lado, a língua portuguesa, apesar de diferenças lexicais em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, tem sido um diferencial nessa nova articulação nas relações entre o Brasil e a África. Ao propor à cultura, a história, a língua, a etnia, o governo Lula “fixa um novo sentido” na relação com a África, como uma questão de “reconhecimento histórico” na formação atual do Brasil. (SUBUHANA, 2005)

O esforço do governo Lula da Silva, em defesa da cooperação Sul/ Sul, refletiu-se em diversos arranjos nos quais o Brasil passou a participar a partir de 2003 (sendo os principais o

grupo BRICS, que congrega Rússia, Índia, China e África do Sul; o Fórum de Diálogo Brasil, Índia e África do Sul, IBAS; a Iniciativa América do Sul-África, ASAS; a Comunidade dos Países da Língua Oficial Portuguesa, CPLP); entre outros fóruns multilaterais criados ou ampliados com vista a estabelecer parcerias e conectar experiências numa estratégia conjunta e salutar de “cooperação solidária” multicultural.

A criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira pela Lei nº 12.289, de 20 de junho de 2010, vinculada ao Ministério da Educação, no Maciço do Baturité, na cidade de Redenção, no Estado do Ceará, tem sido um espaço de conexões de conhecimento sobre Brasil e África com o objetivo de produzir e disseminar o saber universal, de modo a contribuir para o desenvolvimento social e educacional, notadamente com países africanos de Língua Oficial Portuguesa.

É nesse contexto, também, que se coloca a trajetória de estudantes guineenses em Fortaleza, reforçada pelo aumento da relação entre o Brasil e os países africanos que tem o português como a língua oficial de comunicação. Segundo Gusmão (2005) Subuhana (2005), o que é possível afirmar é que a imigração desses estudantes faz parte de um projeto nacional de desenvolvimento em seus respectivos países de origem, em estreita relação com acordos de cooperação com o Estado brasileiro.

4.1 Análise das informações sobre a trajetória de estudantes

Muitos estudantes guineenses escolheram o Brasil/Ceará como novo lugar de moradia, ainda que temporária, para intercâmbio cultural e educacional, tendo em vista que alguns dos nossos entrevistados citam o (CEB) Centro de Estudos Brasileiros, na Guiné-Bissau, que tem colaborado na divulgação e coordenação de iniciativas voltadas à educação e formação em vários países africanos.

No caso das Faculdades privadas, Fatene e Evolução, muitos encontram em Fortaleza como uma grande oportunidade de morar no exterior, no entanto com falsas garantias de acolhimento acadêmico que pudesse facilitar o processo de integração, além de elevados custos com mensalidades e demais despesas.

Antônio Correia, nosso interlocutor, graduado em Tecnologia da Informação em 2013 pela (FATENE), atualmente é mestrando em Desenvolvimento em Meio Ambiente-PRODEMA (UFC).

Guineenses, não só da Bissau, tem histórico de migrar para Europa. Após a independência dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), alguns ex-combatentes de luta pela libertação receberam bolsas de estudo para estudar fora. Mesmo enfrentando uma realidade bem diferente daquela deixada em África, nós temos, de certa forma, facilidade de nos relacionarmos com outras culturas. Falamos mais de um idioma. Pode acontecer de não ocorrer à adaptação, como ocorreu com meu colega que foi para Rússia. No meu caso, eu estudava quando surgiu a oportunidade de vir para ao Brasil estudar. Eu conversei com minha família e decidi concorrer à vaga. Na altura recebi ajuda dos meus familiares que moram fora do país. Diante dos cálculos apresentados pela Universidade era possível custear as despesas apresentadas pela instituição. Aqui, a realidade foi outra, totalmente diferente das nossas possibilidades (Entrevista 1, estudante)

O estudante Adriano Cuma, nosso interlocutor, que veio ao Brasil em meados de 2007, para a realização de um sonho pessoal e familiar, obtenção do diploma internacional, como narrado na maioria das falas do grupo entrevistado. Oriundo de uma família de oito irmãos, sendo o quinto filho, veio para ao Brasil após participar do processo de seleção do vestibular e ser aprovado pela Faculdade Ateneu:

O candidato tinha direito de escolher dois cursos, fui aprovado no curso de Processos Gerenciais, com duração de 3 anos, concluí e atualmente curso especialização em Administração Pública, e fazendo planos para ingressar no mestrado ou outra graduação. Vai depender da situação de cooperação, se iremos conseguir. Temos muitos irmãos guineenses que não conseguem finalizar seu curso devido os reajustes das universidades, isso nós não sabíamos (Entrevista 2, estudante).

A fala, acima citada, mostra um dilema: a busca por mestrado pelo estudante e a dificuldade em arcar com as mensalidades. Isso faz com que muitos acabem desistindo do curso. A situação política instável, da Guiné-Bissau, entre outros fatores, interfere na trajetória de estudantes em Fortaleza. Alguns recebem ajuda de seus familiares, quando cheguei aqui, mas acontece que nem sempre as ajudas continuem. Por isso muitos não conseguem terminar o curso devido reajuste em mensalidade que ocorre todos os anos. A crise econômica internacional e nacional, inclusive em seus países de origem, reforça ainda mais as dificuldades no Brasil.

Foram motivados a vir para Brasil-Ceará por propaganda feita na Capital Bissau, em 2008, pelo estudante guineense Vladimir Cá, então Presidente da Associação de Estudantes Guineenses no Ceará (AEGB-CE), e o Sr. Cavalcanti, brasileiro, diretor da Faculdade da Evolução, um dos idealizadores da propaganda da Faculdade na Guiné-Bissau. Realizaram um processo seletivo que consistia em prova de conhecimentos gerais: Língua Portuguesa, Matemática e Redação, segundo os entrevistados. A simulação das despesas se deu em torno de 40. Mil francos CFA, moeda corrente na Guiné-Bissau e países da região da África Ocidental. O câmbio varia, em torno de US\$ 100, em despesas com papelada.

Figura: 4 Panfleto para estudar no Brasil –Fatene e Evolução

SEJA UNIVERSITÁRIO NO BRASIL
INVESTIMENTO A PARTIR DE 40.000 CFA*

FACULDADE EVOLUÇÃO
FATENE

Inscrições abertas
2009.1 VESTIBULAR
Em BISSAU

Inscrição 13.000 CFA

Graduação + Pós-graduação e preparação para certificação profissional

Enfermagem
Graduação - Bacharelado: Habilita a assumir competência técnica e política para o exercício da enfermagem nos serviços de saúde e a executar ações de promoção, prevenção, cura e reabilitação e a ter capacidade de inserir-se em equipes multiprofissionais, desenvolvendo trabalho coletivo. Carga horária: 4.110 horas.

Serviço Social
Graduação - Bacharelado: Habilita a atuar no trato da questão social, formulando e implementando propostas para seu enfrentamento, por meio de políticas sociais públicas, empresariais, de organizações de sociedade civil e movimentos sociais. Carga horária: 3.120 horas.

Educação Física
Graduação - Licenciatura plena: Habilita (como professor) para atuação no ambiente escolar nos diversos graus de ensino, podendo dar aulas da Educação Infantil até o Ensino pré-universitário, para portadores de necessidades especiais, e prevê habilidades que permitem desempenhar funções administrativas e técnico-pedagógicas. Gera competência acadêmica para produzir e socializar conhecimentos e para dar continuidade aos estudos em diversos ramos da especialização profissional. Carga horária: 3.175 horas.

Fonte: Faculdade Fatene

O incentivo da família, devido à propaganda das Faculdades privadas, teve um peso na trajetória dos estudantes guineenses e nas escolhas do curso: Enfermagem, Serviço Social ou Tecnologia da Informação. A promessa enganosa, como descreveu um entrevistado, deixa os estudantes em condições de vulnerabilidade perante os empresários cearenses.

De acordo com o entrevistado:

Eu fiz o processo seletivo bem depois por incentivo da minha família a propaganda do panfleto com o estudante guineense sendo o garoto propaganda ao lado da possível casa do estudante, que na realidade era um condomínio particular que não tinha nada a ver com as faculdades, era simplesmente o local onde o estudante da propaganda morava. Fizeram o seguinte marketing que tinha um local onde os estudantes moravam, com alimentação, com transporte para a faculdade por um valor bem acessível para muitas famílias, pois é comum nós recebermos incentivo dos nossos familiares da Europa, a moeda é bem superior ao CFA, e cambio feito em dólar também é superior ao real à moeda do Brasil. Tem colegas que ainda tem esse panfleto, mas não era nada disso, quando chegaram aqui não tinha ninguém esperando os estudantes, não tinham onde morar, o custo de vida era alto, foram até a faculdade, à faculdade disse não se responsabilizava por estadia de ninguém, não tinha nada do que falaram e do que se precisa na faculdade particular é pago e é caro. Não escolhemos o curso, é se tiver vaga num determinado curso, então você preenche a vaga, esses cursos oferecidos são cursos tecnológicos Processo Gerenciais, Tecnologia da Informação que com dois anos ou dois anos e meio você se forma, eu já faço quase quatro anos e ainda não consegui me formar, vou conseguir agora no meio do ano porque resolvi cursar mais disciplinas. Outro detalhe a faculdade não deu declaração para que o aluno pudesse mudar de Faculdade, foi como se o aluno fosse obrigado a estudar só naquela faculdade (Entrevista 3, estudante).

Ao chegar em Fortaleza, à situação foi outra e desesperadora, como lembra o entrevistado, que deixou tudo na Guiné-Bissau: família, amigos, emprego. Ele veio por

incentivo da família. Lembra que não estava animado para vir, pois achava sua vida estável, mas todos comentavam que era importante ter um diploma internacional, morar em outro país, outra cultura. Acabou fazendo a prova e veio. Chegando aqui, com U\$S 650 dólares, pensando que daria pra alguma coisa, fez a matrícula, pagou a mensalidade do mês, o aluguel, a alimentação e o transporte. Percebeu que o dinheiro não daria, ia para a faculdade às vezes a pé.

Na fala, dos entrevistados, é possível perceber a decepção logo ao chegar ao lugar de acolhimento, constatando que o acordo firmado, do outro lado do atlântico, foi descumprido, sem saber que, o curso tecnólogo no Brasil, na maioria das faculdades privadas, dura em média dois anos ou dois anos e meio. Se viram obrigados a cursar 4 anos o mesmo curso, pois as faculdades não liberam a declaração para mudança do curso em outra instituição, o que fez com que alguns alunos migrassem para outras faculdades, conseqüentemente, esses alunos ficaram irregulares por não poder renovar seus vistos na Polícia Federal por falta de recursos. Por isso, muitos deles foram desvinculados da Faculdade.

Em outros casos, as Faculdades Fatene e Evolução suspenderam a matrícula de estudantes vindos da Guiné-Bissau devido à situação de inadimplência em que se encontram. As implicações legais dessa decisão vão desde a suspensão do visto dos estudantes até o risco de deportação para seus países de origem. Isso porque, para conseguirem a renovação da permissão para permanência em situação regular no Brasil, que precisa ser feita anualmente, é necessário comprovar regularidade de matrícula em algumas IES reconhecida pelo Ministério da Educação brasileiro. Em caso de o estudante não se matricular por qualquer motivo em alguma IES, ou mudar de faculdade, o visto deixa de valer, segundo os entrevistados.

Na sua maioria, os receptores brasileiros, no caso dos cearenses, veem os estudantes guineenses como pessoas corajosas por saírem de seu país de origem em busca de realizações pessoais e profissionais tão distantes da sua terra natal ou “pátria mãe”, como costumam mencionar. Brasileiros comentam que são simpáticos, adoram festas, neste sentido colocam que “até se parece com brasileiros”, pois brasileiros também são pessoas festivas. Mas dizem os africanos extrapolam, são praticamente todos os dias. E tudo é motivo de algazarra, por serem festivos, assim é o imaginário do nativo que o brasileiro tem em Fortaleza.

A partir do conhecimento e das práticas sociais presentes, nos modos de vida dos estudantes guineenses, expressos em múltiplas vozes, podemos apreender a diversidade histórica das interações entre as populações africanas. De acordo com Có (2011) as culturas humanas são dinâmicas, portanto as concepções estão ligadas a processos de transformação e permanências culturais.

O que chama atenção dos moradores nativos é a língua falada entre o grupo estudado, pois na maioria das vezes se comunicam em crioulo ou na língua materna como: balanta, manjaco, papel, mancanhe, mandinga, fula o que dificulta ainda mais a compreensão dessas línguas, sendo que o crioulo com a convivência é possível compreender, pois na maioria das palavras são de origem da língua portuguesa.

No entanto, a falta de conhecimento, de diferentes culturas, a negação da diversidade étnica, o mito da democracia racial, numa sociedade historicamente marcada pela escravidão, acaba dificultando o processo de integração desses estudantes (GOMES, 2012, p.43). Soma-se a tudo isso, alguns cearenses não aceitam a presença do negro em sua trajetória cultural, o que acaba dificultando a integração e o acolhimento desses estudantes.

Nesse cenário a educação formal dos africanos-estudantes se assemelha a educação brasileira com um currículo eurocêntrico, que negou toda contribuição dos povos negros, negando suas próprias identidades. Hall (2009) coloca que o conceito fechado de diáspora se apoia sobre a concepção binária de diferença, por estar fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão que constrói o “outro”, e de uma oposição rígida entre o “dentro” e o “fora”, “nós e “eles”. Com essa hierarquização, os sujeitos, estudantes guineenses, pesquisados criam estratégias de sociabilidades em face de nova realidade, se organizando em grupos, associações e em instituições não governamentais, como Pastoral da Terra.

Diante da não aceitação da identidade étnica e não respeito às sociedades plurais, no Brasil, é visível essa negação do negro, negando as suas características. Ainda há resquício de uma sociedade escravocrata, posturas, posições preconceituosas, ignorando o outro.

Os chamados novos “moradores”, africano-guineenses, são detentores de uma riqueza cultural, linguística, étnicas, religiosas, políticas e sociais, por dominarem mais de uma língua, oficiais e étnicas (maternas). Muitos já eram formados, desenvolviam alguma atividade no país de origem, como em ONGs, nacionais e internacionais, ou administravam algum bem familiar. Nesse sentido, esses sujeitos são produtores de cultura e práticas sociais. O relato, a seguir, de um entrevistado, guineense, estudante em Fortaleza, revela essa questão:

No meu país, eu cuidava de alguns bens da minha família, recebia alugueis, tinha um emprego, uma vida tranquila, quando surgiu a oportunidade de estudar no exterior, todo jovem sonha com um diploma internacional, comigo não foi diferente, larguei tudo e vi para cá. Aqui eu soube o que é passar dificuldade, o dinheiro que trouxe deu para pouco tempo, a minha família que ajudou, mas as despesas aqui são muitas, faculdade, mensalidade, transporte, xerox, livros. Então você tem que se virar a faculdade não te dá condições de um estágio remunerado, sou obrigado a me submeter a ter um subemprego, eu não aconselho ninguém vir, por que a realidade é outra (entrevista 4, estudante).

Cada estudante tem sua particularidade, seu pertencimento étnico e cultural, sua história de vida, sua motivação pessoal familiar que o fez sair de seu país, alguns relatam que aqui que de fato souberam o que era passar por dificuldades, pois essa dificuldade tão falada e conhecida pelos brasileiros, mostrada na televisão sobre África, que africano é tudo igual, um só país, eles não conheciam, assim como o que conheciam do Brasil era as telenovelas.

Na maioria das vezes com colocações equivocadas, os brasileiros afirmam ou perguntam que vieram para o Brasil, por que seu país de origem está passando por problemas, ou estão em busca de trabalho e pensam que estão aqui tirando oportunidades de muitos brasileiros nas universidades públicas, pensam também que são financiados pelo governo brasileiro ou pelo governo do seu país.

Parte da população ainda desconhecem algumas situações que os estudantes migram para o Brasil, por meio de acordos diplomáticos, como o PEC-G. No entanto, a pesquisa está focada no grupo de guineenses que vieram por conta própria ou financiada por seus familiares, para as Universidades privadas. Essas Universidades ou faculdades deslocaram-se até Guiné-Bissau, com promessas de bolsas de estudos, descontos nas mensalidades dos cursos, no qual, desde 2011, fui motivada a se confrontar com essas trajetórias: através de participação em festas do dia de independência do país, palestras, seminários e leituras.

Na voz de um entrevistado, abordado na Avenida Domingos Olímpio, em Fortaleza, onde há uma concentração de guineenses, ele firma nesses termos:

Meu país, Guiné Bissau é pequeno, temos muitas riquezas para serem mostradas, saberes que herdamos dos nossos familiares, nossas danças tradicionais, possuem significados que não é só discoteca, para vocês brasileiros é difícil dimensionar seus significados, as comidas o jeito de fazer, cerimônias tudo diferente, nossos recursos naturais ainda não são explorados com tanta intensidade como aqui, mas não significa que sejamos desunidos ou atrasados. (entrevistado 5, estudante).

No trânsito, na busca de interagir com os estudantes africanos para conhecer seus mundos, ainda desconhecidos por mim, os mesmos fazem questão de evidenciar a identidade “africana” dentro do país. No exterior dos seus países, o mesmo ocorre. Para Tcham (2012),

Nos períodos após a independência de seus países se dava em maior frequência com a antiga União Soviética. Com o fim da União Soviética em final de 1991, uma forte tensão foi gerada na esfera política e econômica nos países africanos recém-independentes, desencadeando um processo de realinhamento político e ideológico e de necessidade de integração desses países a uma nova e única ordem mundial. (TCHAM, 2012, p.23)

O sonho da independência, da construção da efetiva democracia continua a fazer parte do plano de vida de muitos estudantes, nessa travessia do guineense-estudante em solo brasileiro-cearense. Inspirados nos ideais de Amílcar Cabral líder da luta de libertação de Guiné-Bissau e Cabo-Verde e não somente desses países, mas lutou pela libertação de outros países africanos, considerado um dos mais brilhantes dirigentes como elenca o estudante guineense Cristiano Sanca, o entrevistado, graduado em Administração Hospitalar, com Especialização em Saúde Pública e da Família, atualmente é Presidente da AEGB-EC.

Na ocasião da entrevista, Sanca estava saindo de um encontro, com os demais dirigentes da Associação, em reunião com os Representantes da Embaixada da Guiné Bissau, na FATENE. O tema centrava-se em torno das dificuldades nas renovações dos vistos estudantis.

4.2 Acolhimento e integração social

Na sala da casa de um estudante, guineense, hoje trilhando caminhos para ingressar no curso de doutorado, Afonso Pereira que veio pelo (PEC-G) coloca que ao chegar ao Brasil, em meados de 2002, em solo cearense-fortaleza, tudo é muito diferente do que ele imaginava encontrar. Segundo ele, seu país, Guiné-Bissau, é bem pequeno. O trânsito de pessoas, a língua, a alimentação, os costumes cearenses o deixou um pouco deslocado. Isso se coloca também no campo de representatividades sociais e culturais de uma cidade metropolitana, que desencadeiam trânsitos mais intensos, em todos os sentidos: culturais, efetivos, emocionais, infraestruturas, econômicos, políticos e religiosos. A migração na metrópole, cidade cosmopolita.

A este respeito, Sayad (1998) aponta que o primeiro passo já foi dado: sair do lugar de origem, o próximo normalmente é adaptar-se à sociedade de imigração. Em alguns casos, por não falar a língua oficial brasileira, português, o que não é o caso, o estudante pode ser recepcionado com hostilidade, principalmente aqueles que entram no novo país ilegalmente.

Acostumados a viverem com seus familiares e parentescos, no novo lugar de morada precisaram assumir novas responsabilidades, tais como: despesas de moradia, transporte, alimentação e material didático para estudos, entre outros. Sem apoio institucional para regularização do visto no Brasil, ainda sem conhecer as entidades que precisam assegurar seus direitos básicos de cidadania para que possam viver com condições dignas, são literalmente discriminados em Fortaleza.

Essa situação não é vivida somente pelos alunos das Universidades particulares, também ocorrem com os alunos vindos pelos Programas de Cooperação Educacional que o Brasil mantém com os países africanos, latino-americano e caribenho, como o PEC-G (graduação) e PEC-PG (pós-graduação).

A questão da discriminação envolve fortes doses de racismo, inclusive racismo institucional dentro das Faculdades Privadas, sem qualquer consideração aos Direitos Humanos e a necessidade do cumprimento das Leis Internacionais rubricados pelo Estado brasileiro. Como afirma Nilma Lino Gomes (2012), pedagoga brasileira, no Brasil o racismo é alicerçado em uma constante contradição, já que:

A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial. No entanto, as pesquisas atestam que, no cotidiano brasileiro, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade, os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país. (GOMES, 2012, p.46)

O racismo enfrentado pelos estudantes às vezes possui peso menor diante do sonho de se obter o grau de nível superior e puder voltar ao seu país de origem ou dar prosseguimentos com a vida acadêmica no Brasil, para usar o conhecimento aqui construído, contribuindo com o desenvolvimento social, educacional e econômico do Brasil e da Guiné-Bissau, possibilitar melhores para seu crescimento e dos seus familiares.

Há que considerar que milhões de anos (aproximadamente entre 136 milhões e 65 milhões de anos), o Brasil e a África faziam parte de uma única massa continental (RIBELO, 2011). Essa massa continental contínua foi denominada de *Pangeia*, que foi traduzido do grego para o português por “toda a terra”.

A antiga ponte geográfica, hoje separada pelo Oceano Atlântico, deixou marcas na formação do Brasil. A presença africana no ciclo do açúcar, de café e do ouro, em meados do século XVI e início do século XVIII, além de gerar riquezas substanciais para o desenvolvimento econômico do Brasil colonial e pós-colonial, juntou índios, portugueses, emigrantes asiáticos, judeus e árabes, de diversas origens culturas, num único espaço de encontro e manifestações civilizacionais no processo de produção e reprodução das relações entre o Brasil e a África, a Europa e a Ásia.

Todavia, são poucas informações que dispomos sobre esses dois continentes, marcados por uma longa história comum, já apontada. A construção da África, pela mídia brasileira e mundial, aprofunda o desconhecimento de suas muitas realidades. As imagens,

infelizmente, limitam-se ao estereótipo, ao exótico, pendendo para o nativismo e para a “invenção do mito de um mundo africano” (APPIAH, 1997, p. 111). Da mesma forma, o que se observa, atualmente, em vários países africanos, particularmente os da língua oficial portuguesa, é uma imagem distorcida da realidade brasileira, propagada também pela mídia, e que faz com que o Brasil seja pouco conhecido no plano do “mundo da vida” e da “realidade social”.

A Guiné Bissau, assim como o Brasil, foram ex-colônias do regime colonial português. Como vimos, Guiné-Bissau teve a sua independência nos anos 1973, mas, apesar dos esforços de próprios guineenses em buscar a paz interna, a tentativa de democratização tem sido frustrada devido diversos golpes de estado. O país praticamente nunca chegou a um período de estabilidade duradora desde o conflito político-militar de 99, de acordo com o relato de um estudante:

Em situações de conflito, você abandona tudo: família, patrimônios, amigos etc. No meu caso específico, como também de outros colegas, faltava apenas um ano para terminar a faculdade. Quando cheguei aqui fui recebido por outros colegas que enfrentaram sérias dificuldades na chegada. O que foi prometido, não foi cumprido por parte da Faculdade. Eu não fui atrás de resolver isso, porque universidade não ia resolver mesmo por falta de vontade. Na altura que cheguei em Fortaleza, não pude logo ingressar no curso. Então encontrei outra universidade em que o mesmo curso era apenas de dois anos, já que nós pretendíamos cursar tecnólogo. Fui à universidade mudar de curso, mas não me foi permitida porque meu passaporte, meu visto e declarações só tem valor em uma única universidade na qual estudamos. Agora nós sabemos que isso é inconstitucional, mas na altura não. No meu caso fiquei irregular junto à Polícia Federal porque a universidade não liberou minha declaração (Entrevista 6, estudante).

São relatos de falas, que coincide com falas anteriores. As trajetórias relatam várias dificuldades. No período de renovação do visto de estudante, Visto IV, anualmente, com a declaração de vínculo universitário, exige-se a documentação regularizada (uma declaração). Os estudantes pagam, aproximadamente, R\$ 200,00. Segundo a fala de um estudante, a situação não é diferente na Polícia Federal, quando é necessário renovar o visto de estudante:

Moramos na Avenida Domingos Olímpio. Na maioria das vezes, saímos de casa duas horas da manhã. Funcionário da Polícia Federal entrega somente 20 fichas. Depois começa às humilhações, das mais diversas, que você possa imaginar. Quando reclamei da falta de respeito conosco, uma brasileira disse o seguinte: volta para seu país o que você está fazendo aqui? Respondi simplesmente o seguinte: bom, o mesmo que você precisando do visto (Entrevista 7, estudante).

Outro entrevistado exige o respeito à cidadania, à tolerância, os direitos humanos:

Estou aqui para estudar e pago minhas despesas. Não peço nada a ninguém: nem governo ou pessoas. Um dia desses, eu ia pela rua, bem cedo da manhã, para a renovação do meu visto de temporário de estudante. Jogaram a água no meu corpo. A violência, nesse país, é absurda. Pior, ela é gratuita. Mas isso só me incomodou na hora, não vou me preocupar com quem não tem educação, com quem é intolerante com as pessoas. Não tenho problemas com ninguém, respeito para ser respeitado, mas, deviam lembrar que muitos brasileiros vivem em outros países e também podem passar por isso, esse preconceito. (Entrevista 8, estudante).

Questões sobre falta de respeito, a violência, preconceitos, abusos e a necessidade de respeitar um cidadão, que paga seus impostos, são também como marcas dessas trajetórias.

4.3 Sociabilidade e estratégias de integração

Desde algum tempo, tenho pesquisado a respeito de imigrantes africano-estudantes de língua portuguesa, de uma forma especial, da “migração temporária de estudantes estrangeiros que buscam sua formação no Brasil (SUBUHANA, 2005)”. Muitos conhecem o Brasil através das telenovelas, praias, carrões, lugar da alegria, muito carnaval e o paraíso racial. O que na maioria dos casos não corresponde à realidade encontrada e vivida por eles.

Chegando ao lugar de acolhimento Brasil-Ceará muitas vezes se deparam com a solidão, longe de seus familiares, das suas práticas religiosas, sua alimentação, seus costumes. No entanto, o que pensavam que seria uma facilidade, a língua falada, acaba por ser mais um agravante, expressões bem diferentes entre o português do Brasil e o português de Portugal, além de suas trajetórias linguísticas de suas etnias.

No ambiente acadêmico se tornou incomodo e distinto, tendo em vista que, ao contrário do que os estudantes imaginam, os professores, na maioria brasileiros, se comunicam de maneira bem informal, o que para os africanos-estudantes é uma surpresa.

Gusmão (2005) afirma que a integração, mais que a inserção social desses imigrantes ao contexto particular das localidades em que habitam e com relação ao conjunto da nação brasileira, constitui um desafio permanente de sentidos e trajetórias distintas.

Neste sentido, as narrativas, a seguir, consistem em colocar essas vivências, trajetórias, dilemas, conflitos vividos e protagonizados por esses grupos de estudantes guineenses, nos espaços agora criados por eles. Muitos vivem o drama de ficar longe de seus familiares, costumes, e recriam estratégias de integração, como demonstra esse entrevistado:

Eu amo o Brasil, o povo do Brasil. Em pouco tempo fiz amizades com vários brasileiros e também com pessoas de lá do meu país. Eu não sinto tanto preconceito não, se alguém chega pra mim e diz que sou branco assim eu vou processá-lo (Entrevista 9, estudante).

O preconceito existe sim. Todavia, é possível, observar, que essa postura seria uma estratégia de sobrevivência contra o racismo vivenciado pelos estudantes em Fortaleza. “Infelizmente vivemos num país em que a cor da pele classifica indivíduos “bons” e ruins”. Essa classificação interfere em suas trajetórias sociais, atitudes, caráter e história de vida. Além disso, a memória de escravatura, ainda afeta negativamente a vida das populações com ascendência negra no Brasil (GOMES, 2012, p.46), afetando outros povos e histórias.

Uma situação que, aos olhos dos brasileiros, é absurda. Estudantes guineenses são vistos como pessoas fraternas por muitos brasileiros. Relata Antônio Correia, estudante guineense:

Logo quando cheguei aqui no Brasil pra estudar na Fatene, através da propaganda que foi feita no meu país, pensávamos em outra realidade. Ao chegar, nos deparamos com outra situação. Fomos jantar num restaurante, no Centro da cidade, ali perto da Rua General Sampaio. Chegando lá, na ocasião, pedimos um almoço e dividimos entre dois amigos, fazíamos muito issodevido também situação de dificuldades que passamos no início, pois achávamos que o dinheiro que trouxemos daria pra muita coisa. Logo, tinha uns brasileiros tirando foto, pra ridicularizar a situação, talvez fosse postar por aí dizendo africanos passam fome. Isso deu até polícia. Meu amigo foi chamar os policiais que estavam pertos, eles imediatamente fizeram os brasileiros não só apagar a foto que tinham tirado da gente, mas mandou apagar tudo dos celulares dos brasileiros. (Entrevista 10, Fortaleza).

Desconhecendo a cultura africana, cultura de solidariedade, Ubuntu, “Sou, porque Somos”, muitos brasileiros, cearenses, tem o hábito de ridicularizar saberes africanos, suas tradições milenares, onde, por meio da fraternidade, os filhos de África se reúnem e se alimentam coletivamente, fortalecendo seus costumes, irmandade e companheirismo. Contudo, o Brasil convive com o racismo, diariamente, mas nega-o.

A negação das identidades étnicas e os conflitos resultantes da manipulação política e ideológica das diferenças culturais entre populações que convivem num mesmo território constituem sem dúvida uma rejeição dos direitos humanos. (MUNANGA, 2004, p.01)

Esse senso de racismo nem sempre é reconhecido pelos estudantes africanos. Alguns afirmaram “estou aqui para fazer intercambio educacional e cultural, já que estou no convívio de uma cultura diferente, não estou aqui para ensinar que é crime, ter preconceito, e que devemos superar essas contradições”, lembrou um entrevistado. Isso constitui uma astúcia?

Có (2011) os sujeitos se deslocam através de nações e entre as tradições, revelando novas formas híbridas de viver e pertencer a uma determinada cultura, as peculiaridades dos

estudantes guineenses suas percepções e interações com a sociedade e o ambiente. Contudo, os sujeitos pesquisados, apontam mudança de comportamento e mentalidade no ambiente:

Estamos fora de casa. Com passar do tempo, novas atitudes vão sendo tecidas, estamos interagindo com saberes culturais diferentes do nosso convívio, apesar de que na maioria das vezes africanos sempre interage com africano (Entrevistada 11, estudante).

Em Fortaleza-Brasil, os estudantes mudam suas vestimentas, modelos mais eurocêntricos, seus hábitos, comportamentos, no entanto na fala dos entrevistados não pensam assim como é colocado, somos educados a ter gosto ocidental, nosso referencial bem ou mal está baseado numa educação eurocêntrica, o colonizador fez o favor de enraizar esses conceitos nas civilizações colonizadas, coloca um entrevistado.

Subuhana destaca (2009, p.124) “migrar com finalidade de estudo em busca da transformação pessoal e familiar é processo do qual não se tem a medida e o domínio”, algumas dificuldades são superadas fora de casa, logo esse processo que coloca em movimento a condição de identidade, contudo o protagonismo, a autonomia, cidadania diante do sujeito como ser individual coletivo e político.

No campo educacional e cultural, os grupos como Movimento Pastoral Africano têm promovido ações de valorização a história e cultura africana, promovendo encontros culturais e reivindicatórios na busca de uma melhor integração entre brasileiros, universidades públicas e privadas e africano-estudantes, no Estado do Ceará.

Ações e práticas que fortalecem os laços de amizades, fé e firmamentos da africanidade “fora de casa”.

Figura 05: Símbolo do Movimento Pastoral Africano



Fonte: MPA

O Movimento Pastoral Africano do Estado do Ceará é uma organização não governamental e sem fins lucrativos, que foi fundado no dia 12 de setembro de 2010, pelos jovens estudantes guineenses. O movimento Pastoral africano foi imprescindível no fortalecimento das relações e integração dos estudantes na superação de algumas dificuldades, lembra Antônio Correia que chegou a Agosto de 2009, Artur chegou ao Ceará no mesmo ano e fez essa ponte entre estudantes e instituições, os encontros acontecem na Igreja Nossa Senhora das Dores, localizada Praça Otávio Bonfim no Bairro Farias Brito, na circunvizinhança há muitos moradores guineenses. O movimento desde sua fundação fez parcerias com várias instituições como: Movimento Pastoral do Migrante, Microlins, Faculdade Anhanguera, durante toda trajetória e história do (MPA) foi privilegiado com a participação de eventos nacionais e internacionais e tem por finalidade:

- I-Facilitar a dupla integração Brasil/África, dos africanos sem desconsiderar os seus valores culturais;
- II-Operar no sentido de permitir que cada estudante possa realizar com maior amparo e firmeza as suas ambições acadêmicas;
- III-Demonstrar aos estudantes africanos a importância do seu retorno à terra natal após o término do curso.

O MPA (Movimento Pastoral Africano) durante anos de dedicação a luta pelo bem estar comum dos estudantes usando sua simplicidade e Fé em Deus vem conquistando seus direitos como estudantes estrangeiros no estado do Ceará. Também tem sido convidado a participar em alguns conferencias tais como, a conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS), conhecida também como Rio+20, foi realizada entre os dias 13 e 22 de junho de 2012. Na cidade brasileira do Rio de Janeiro, cujo objetivo era discutir sobre a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável. Considerado o maior evento já realizado pelas Nações Unidas, o Rio+20 contou com a participação de chefes de estados de cento e noventa nações que propuseram mudanças, sobretudo, no modo como está sendo usados os recursos naturais do planeta.

Imagem 6-Estudantes Guineenses na Conferência das Nações Unidas



Fonte: Imbundé.

O Movimento Pastoral Africano organizou o evento sob o lema: 1ª Semana Africana de Talentos. Este evento tem como propósito promover os valores da cultura africana no Brasil/Ce, por meio da exibição de trajes e penteados africanos, poesia, dança e música. Incentivar a criatividade literária, promover novos talentos e desenvolver as competências de reflexão e de expressão por meio da palavra, favorecendo assim uma educação multicultural e acadêmica aos estudantes africanos no contexto de integração entre a cultura brasileira e africana. Intercambio educacional e cultural entre os estudantes residentes em Fortaleza contou a participação dos estudantes da UNILAB localizada em no interior do Ceará em Redenção.

Imagem7 e 8: Evento1ª Semana de Talentos Africanos



Fonte: Autora

O II encontro Brasileiro de universitários cristãos (EBRUC) que aconteceu em Curitiba PR, nos dias 12, 13, e 14 de outubro de 2012, realizado, por Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio do Setor Universidades da Comissão Episcopal Pastoral para Educação Cultural, e da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (Anec), tem o apoio do Grupo Marista, Pastoral da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Arquidiocese de Curitiba e Pastoral Juvenil Marista.

O Movimento Pastoral Africano participou na 4ª Festa da vida, sob o lema: “Vida e saúde: Direito de todos”.

O Movimento da Pastoral Africano, juntamente com o apoio de outras instituições, entre elas, o Ministério Público do Ceará, firmaram acordos entre os estudantes e as Faculdades onde os estudantes estudam.

Imagem 9. Processos de integração



Fonte: Movimento Pastoral Africana

O Ministério Público do Ceará (MPC) e três instituições de ensino superior do Estado assinaram no dia 13 de julho um termo de ajustamento de conduta (TAC) que prevê o parcelamento das dívidas de cerca de 300 jovens que vieram da Guiné-Bissau estudar no Brasil. Os estudantes, sem condições financeiras de arcar com os custos do ensino, tornaram-se inadimplentes com as faculdades e acabaram impedidos de renovar as matrículas para o semestre seguinte. O TAC assinado prevê a negociação do débito sem a aplicação de juros ou multas, e manutenção do valor inicial ao quais os estudantes estavam submetidos, isentos de reajuste anual autorizado pela lei brasileira. (OPLOP 2012).

A Justiça determina que a polícia federal suspenda processo de deportação dos estudantes.

I-fornecer documentação necessária à regularização dos vistos estudantis, especialmente a declaração de matrícula e o histórico escolar, independentemente do pagamento de taxas;

II - Atender, observando as formalidades legais, eventuais pedidos de mudanças de curso dentro da própria instituição ou de transferência para qualquer outra entidade educacional, ainda que os estudantes estejam inadimplentes;

III-proceder com a negociação dos débitos vencidos e vincendos, devendo orientar-se pelo cumprimento da legislação de proteção do consumidor.

IV- Fixar os valores das mensalidades em correspondência às quais inicialmente informadas aos estudantes no momento da oferta do serviço, isto é, na realização do vestibular na Guiné-Bissau.

Diante de toda mobilização entre instituições governamentais e não governamentais, os estudantes guineenses puderam continuar estudando nos cursos que estavam matriculados e ajustar suas mensalidades.

Considerando que os estudantes em especial os africanos-guineenses residem na sua maioria com conterrâneos, dividindo apartamentos e casas com dois ou mais conterrâneos, namorados se configuram como casais sendo uma forma de dividir as despesas de aluguel, água, luz, mercantil que na sua maioria são altas, há aqueles estudantes que formam casais com brasileiros/as. Normalmente se comunicam em crioulo ou outras línguas étnicas, como já foram apontadas no trabalho de pesquisa, os vizinhos sentem-se incomodados, outro dia disse um brasileiro “gente vocês além de falar alto demais, falam ligeiro e mais ninguém entende nada”.

A compreensão dos nativos brasileiros sobre os africanos é bastante precária. O imaginário social sobre África é bastante preconceituoso, surgem indagações das mais grotescas que possa imaginar como: como chegaram aqui de navio? No seu país tem praia? Como conseguem escapar dos leões perigosos? Como aprendem o português, por que no seu país África tem tanta miséria? Essas são algumas das indagações lembra um estudante que ouviu no auditório da Universidade que estuda. A dimensão populacional é bem superior com que estão acostumados. A diversidade comportamental, os sotaques, as gírias, o comportamento dos cearenses em relação ao africano-estudante é bastante preconceituosa, assim se assemelha as falas dos entrevistados.

No entanto segundo Sposito (1994) a exclusão não elimina a presença de processos de integração, aparentemente contraditórios, que caracterizam a vida desses jovens africanos no lugar de acolhimento, como mencionadas as várias maneiras de integração entre africanos e brasileiros.

4.4 Integração nos espaços acadêmicos

Quando cheguei ao Brasil em 2002 aproximadamente, eu tinha noções básicas sobre literatura, cultura brasileira, devido o Centro Cultural Brasileiro (CEB) em cooperação com o Brasil que existe na Guiné-Bissau o entrevistado africano-guineense afirma que:

No ambiente escolar onde os estudantes têm o primeiro contato com grupos de universitários no Brasil, é lá que começam a perceber e enfrentar alguns obstáculos como a negação da tua cultura africana, e a tua presença parece que tudo incomoda a língua, vestimenta, é assustador, nós não estamos acostumados a viver isso, a condição de africano fora de África. Você acaba que se integrando mais com os teus conterrâneos, com o passar do tempo você começa a se adaptar. Principalmente tu como africano-estudante, se o teu professor faz perguntas com frequência e você não está preparado, é mais um motivo para se dedicar e corresponder às expectativas. (Entrevista12, estudante).

Gomes (2012 p.41) nos apresenta “a identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros”. Assim é um fator importante na criação e ressignificação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indicam traços culturais como firmamentos que se expressa através de práticas linguísticas, a língua como festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana.

No Brasil as imigrações vêm ocupando não apenas as pesquisas acadêmicas, como também páginas de jornal e as mídias sociais. Entre outros motivos, isso ocorre porque a recente chegada de haitianos, ganeses, congolese, nigerianos, senegaleses, angolanos, e um maior número de africanos-estudantes guineenses e cabo-verdianos tem dado origem a diversas ações xenófobas, não raro você ouvir nos telejornais, nas redes sociais, denuncia contra universidades renomadas do Ceará por práticas racistas contra os africanos-estudantes, posturas essas que partem de pessoas com nível educacional bastante elevado lembram alguns dos estudantes, alguns professores são intransigentes conosco, como se nós estivemos que mostrar que somos os melhores ou que temos que fazer valer a pena essa vaga, aqui a variação linguística confunde um pouco a compreensão e a escrita das palavras.

A partir do conhecimento e das práticas sociais presentes nos modos de vida dos estudantes guineenses, expressos em múltiplas vozes, podemos apreender a diversidade histórica das interações entre as populações africanas, Có (2011) as culturas humanas são dinâmicas, portanto as concepções estão ligadas a processos de transformação.

Os resultados aqui analisados apontam para o fato de que todos os que migram na condição de estudante para concretização de seus sonhos se deparam com situações bastante diferentes do que imaginavam, no entanto essa condição de negação por parte do nativo não significa impedimento para desistir dessa missão “a concretização do diploma internacional” há situações que fortalecem o nosso grupo disse um dos nossos interlocutores.

4.5 Perspectivas para o retorno à terra natal

Segundo Subuhana (2007, p.01) para além do compromisso diplomático assumido, pelos imigrantes-estudante que é de “retornar a seu país de origem em período não superior a três meses” (Protocolo, seção X, Cláusula 23) após o término dos estudos, alunos do PEC-G quase todos manifestam o interesse de regressar para contribuir para o progresso de seus países, trabalhando ou dando aulas, e contribuir na formação da família.

No entanto a fala do grupo entrevistado permeia a idealização do retorno, mas ainda não consegue encontrar motivos pertinentes além da saudade da família para o retorno.

Presente nas muitas falas, Gusmão (2014, p.51) “nem sempre resulta em realidade, seja pelas estratégias que o próprio universo de formação universitária permite, estendendo as graduações para a pós-graduação e, mesmo novas graduações”.

O entrevistado disse que:

Pretendo retornar ao menos com mestrado, um diploma internacional vai te dá mais condições é fato, posso ingressar nas universidades públicas ou privadas dando aula, com toda essa bagagem educacional e cultural adquirida no Brasil terei oportunidade. Isso é o que espero eu estou investindo pra isso. A saudade da família é enorme, mas você tem que enfrentar, no momento não tem nada pra fazer lá. Ter um diploma internacional, sem dúvida é o sonho dos estudantes guineenses, a minha perspectiva de retorno sem dúvida é dá contribuição no meu país assim como fez Amílcar Cabral saiu de Lisboa onde era Engenheiro Agrônomo, fez a Revolução Agrícola em Cuba, um país que não era dele... Ele teve toda capacidade... Pensou por que não contribuir no meu país? Aos 28 anos Amílcar voltou para Bissau que viu que poderia contribuir na vida dos guineenses, denunciando os maus tratos em toda África na ocasião praticada pelos colonizadores, denunciou na ONU e outros países, isso custou à vida. (Entrevista 13, estudante).

Neste sentido o sonho patriótico de refazer a terra natal, tendo em vista que a democracia do seu país é bastante recente e ainda não conseguiram se firmar na estrutura de governo democrático, não impede de alimentar perspectivas de retorno, almejado boas colocações de trabalho no país de origem.

Tcham (2012, p.66) afirma que “o estudante que realiza seus estudos de ensino superior no exterior contém um potencial de transformação cujo alcance é mais abrangente porque é atingido social e culturalmente”.

O entrevistado disse que:

Eu tenho espírito patriótico como os meus colegas sabem. Nós vamos morrer, mas gerações que viram terão uma vida melhor... Assim disse Amílcar Cabral eu não posso ficar aqui. Aqui eu estou para adquirir conhecimento, fazer um intercâmbio educacional e cultural onde eu posso viver tranquilo é na Guiné Bissau, não existe lugar melhor no mundo do que a nossa casa lá eu posso usufruir e modificar... Com meus conhecimentos, lá é meu terreno. (Entrevista 14, estudante)

O dilema do retorno enfrentado por muitos africanos estudantes se dá nas falas e no semblante dos entrevistados, saudades da família, sonhos em retornar depois de tantos anos “fora de casa” muitos se dedicaram na vida acadêmica são graduados, pós-graduados, teceram conhecimentos no intuito de praticá-los na terra natal, mas na sua maioria a perspectiva é de adiar o retorno e de permanecer no país de formação assim coloca Tcham (2012, p.72). “Surge por razões da precariedade e da fragilidade das estruturas políticas e administrativas em seus países de origem. Este fato acarreta sentimentos de receio de eventuais repressões políticas.”

Atualmente residindo em São Paulo o estudante guineense Adriano Cuma, elenca algumas conquistas com a graduação em Processos Gerenciais, desde 2010 na Faculdade Ateneu, em seguida fez Administração Pública especialização que conclui em 2012, hoje cursa Relações Internacionais, uma segunda graduação na (UNIP), mas ao falar do retorno da uma pausa, consegui muitas coisas aqui à custa de muito esforço, precisei me virar, trabalhamos sem direitos dos trabalhadores, passamos por situações complicadas, a questão do preconceito é muito forte na sociedade brasileira, vamos saber de fato o que é ser discriminado aqui.

Todavia, a sociedade brasileira, ao longo da sua formação histórica, político, social e cultural, apesar de toda a violência do racismo e da desigualdade racial, construiu ideologicamente um discurso que narra a existência de uma harmonia racial entre negros e brancos, esse conceito faz parte do imaginário coletivo das populações brasileiras, assim deixando de agir coletivamente por melhorias e superação das diferenças sociais, educacionais e superação ao racismo. Gomes (2012, p.56).

A contribuição trazida por Hall (2006) é de tamanha importância para refletirmos como a globalização influencia na formação das identidades culturais, redefinindo suas práticas, projetos e identidades por parte dos estudantes guineenses. As migrações internacionais são um celeiro para estudar a questão dos processos identitários e é exatamente neste celeiro que os guineenses começam a tecer uma relação de integração no lugar de acolhimento.

Destaca Gusmão (2014, p.51) assim, na busca e acesso à educação de qualidade, o sonho construído pelos imigrados e familiares na obtenção do diploma internacional nos processos de imigração temporária, de imigração provocada, de exílio circunstancial e outras tantas designações referenciadas por estudiosos, resultam do fato de que homens e mulheres se fazem indivíduos transculturais. Abertos para o mundo de “fora”, possuem, contudo, expectativas “para dentro”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para a realização desta pesquisa se deve a importância de se estudar o processo migratório contemporâneo em que os estudantes da Guiné-Bissau assumem um papel importante, especialmente em Fortaleza. Assim, espera-se contribuir com o conhecimento sobre a temática no campo de ciências sociais e humanas, tanto no Brasil, quanto nos países parceiros e na Guiné-Bissau.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as trajetórias sobre os estudantes guineenses, como as estratégias de integração, sociabilidades dos estudantes guineenses no lugar de acolhimento Brasil/Ceará sendo o primeiro passo organizar a literatura que desse embasamento teórico as etapas da pesquisa.

Como abordado à mobilidade humana é um dos processos sociais de maior relevância para os estudos culturais, que reflete na dinâmica de circulação de pessoas, bens e saberes. Com a globalização os processos migratórios estão cada vez mais difundidos e dinamizados, destacando as pessoas que deixam seu país de origem por vários motivos e se aventuram em outros espaços em busca da tão sonhada qualidade de vida, na realização dos seus projetos pessoais bem como na obtenção do diploma internacional.

Os fluxos migratórios apresentam-se na maioria dentro do continente, no entanto procurou-se no cenário pesquisado Brasil/Ceará investigar como as experiências dos estudantes guineenses que saem da Guiné-Bissau, como se dá as trajetórias de vida desses sujeitos pesquisados na tomada de decisões ao sair do país de origem com apoio de seus familiares, onde enfrentam dificuldades de diferente natureza, desde a condição financeira, no firmamento do acordo de um membro da família em assumir as despesas do estudante, no que se refere o afastamento do núcleo familiar desses estudantes que na sua maioria saem do interior da Guiné-Bissau. No que tange a trajetória da pesquisa foi possível perceber que mesmo com a fala da maioria dos entrevistados em retornar ao país de origem, com sonhos de contribuir em diversos setores de desenvolvimento na política, educação e em outros campos do conhecimento, os mesmos continuam no país há mais de 6 anos, entre alguns há mais de 10 anos, no prosseguimento da formação acadêmica com especialização, uma segunda graduação, chegando ao mestrado e doutorado, ocupando funções de prestígio fora do país de origem, como pesquisadores, professores universitários.

Contudo, na sua maioria relataram que necessitam de assumir duas despesas de moradia, alimentação, pagar cursos superiores ou complementares entre outras despesas, nesse cenário acabam por permanecer mesmo que temporariamente, adiando o retorno, pois

não conseguem enxergar perspectivas de retorno, sendo que o país de origem não há concurso público, apenas empresas pequenas de familiares, não há como a máquina pública comportar toda essa demanda de pessoas qualificadas chegando do exterior.

Os estudantes guineenses revelaram nas entrevistas e em conversas informais, estarem surpresos pelo lugar ocupado pela África no imaginário coletivo-social, assim como ficaram surpresos com a realidade encontrada no lugar de acolhimento, citaram que o Brasil também não é o que pensava “vocês também mostram outro Brasil”, a África mostrada na mídia é interesse de uma dúzia de pessoas que vivem até hoje explorando os recursos naturais, humanos no continente Africano.

Destaca-se na análise das entrevistas, na fala da maioria dos entrevistados o enfrentamento a discriminação racial, sendo como um dos fatores que mais incomoda os estudantes por serem observados ou apontados como não pertencentes a esse lugar de morada. No entanto, os estudantes se organizam nesse enfrentamento unindo-se a órgãos governamentais e não governamentais; procuram morar perto um dos outros, dividindo o mesmo apartamento com outros estudantes, participação nas associações e grupos religiosos, como estratégias de adaptação e sociabilidades. Diante das inúmeras dificuldades experienciadas pelos sujeitos pesquisados os mesmos encontram estímulo nos grupos que participam sejam religiosos, cultural, nos familiares que ficaram, pois na sua maioria preferem que os mesmo permaneçam fora do país.

As dificuldades enfrentadas permeiam a problemática da vinda, como esses estudantes foram atraídos, como foram recebidos no lugar de acolhimento, adaptação em vários segmentos bem como social, cultural, espaços acadêmicos, permanência e perspectiva de retorno dos estudantes africanos vindos pela propaganda as Faculdades particulares (Fatene e Evolução) deve merecer mais atenção das autoridades estaduais, federais e do país de origem dos estudantes. Não há um número exato atual de estudantes regulares e irregulares no estado do Ceará, que funções ocupam para custear suas despesas tendo em vista a proibição do visto de estudante temporário que não permite desenvolver nenhuma atividade remunerada salve em estágios universitários. O ensejo da pesquisa não tem a intenção de solucionar as dificuldades enfrentadas pelo grupo pesquisado, mas de discuti-la e de tecer relações no sentido de enfrentá-las, respeitando as condições básicas dos estudantes imigrantes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- ALMEIDA, Joelma. **Por caminhos sinuosos: quo vadis, migrante africano?**
- BOURDIEU, Pierre et al. **A profissão de sociólogo, preliminares epistemológicas**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. SP, UNESP, 2000. Os diários e suas margens. Brasília, UNB, 2002.
- TÉ, J. A. A. **Relação Brasil/África**. Jornal UNESP, São Paulo, p. 4 - 4 28 out. 2010.
- CÓ, J.P.P. Dissertação de Mestrado: **Filhos da Independência: etnografando os estudantes Bissau-guineenses** do PEC-G em Fortaleza e Natal. UFRN 2011
- CÓ, J.P.P. “Nha Fala: **Entre memórias, esquecimentos, ancestralidade, oralidade e identidade nacional guineenses numa África pós-colonial**”. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (Orgs.) **Griot: linguagem, memória, imaginário**. Natal/RN: Lucgraf, 2009.
- D'AMORIM, E, **África: essa mãe quase desconhecida**. FTD, São Paulo, SP. 1997
- ELLERY MOURÃO, Daniele. **Identidades em trânsito: um estudo sobre o cotidiano de estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza**. Monografia, Fortaleza – CE: Universidade Federal do Ceará, 2004.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**- Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEREDO, Fábio Baqueiro. **História da África**. Brasília, **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**; Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UFBA), 2011.
- GEERTZ, C.A **interpretação das culturas**. RJ: Guanabara, 1989.
- GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira**. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, p. 109-121, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão**, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. **Os Filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação**. Belo Horizonte, MG, 2005.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. **Diáspora africana: vida de imigrantes e estudantes em Portugal e no Brasil**.
http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2003/Neusa%20Maria.pdf Acesso em 10 de maio de 2015.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. **Intelectuais negros: Migração e formação entre conflitos e tensões**. Revista do PPG em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará – (UECE) 2014.

_____. **Trajetos identitários e negritude: jovens africanos no Brasil em Portugal**. IMPULSO, Revista de Ciências Sociais e Humanas. Vol. 17, nº 43, maio/agosto 2006. Piracicaba,SP: UNIMEP.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. (2008), **Sociedade Civil e Democratização na Guiné-Bissau**. Dissertação (mestrado em sociologia) – UFPE, Recife.

TCHAM, I. **Caminhos de Formação Acadêmica dos Estudantes Africanos no Mundo e no Brasil: Chegadas, estratégias de Permanência, Sociabilidades, Dilemas e Retornos Possíveis**. Gênero & História (UFPE), v. 09, p. 145-167, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. HALL, S. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 3ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora HUCITEC-ABRASCO, 1994.

MUNANGA, K. **Identidade étnica, poder e direitos humanos**. Thot África, São Paulo, n. 80, p. 19-30, 2004.

MUNANGA. K. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada /[Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

RIBARD, Franck. **Diversidade racial 2. Relações étnico-raciais e educação**. África e consciência multicultural. Fascículo África Mãe-Preta

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52,1993 (editado em nov. 1994).

SARAIVA, José F. Sombra. **As Relações do Brasil com os Países de Língua Portuguesa: Oportunidades, Esquecimentos e Relançamentos**. Disponível em: www.casadasafricanas.org.br. Acesso em: 21/09/2015.

SAYAD, A. M. **A imigração: Ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SPOSITO, Marília P. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. Tempo Social, São Paulo, 1993.

SUBUHANA, C. **A circuncisão como rito de passagem na problemática da cultura moçambicana: Os Casos da Cultura Yao e da Igreja Católica (inculturação)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – PPSA/IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

SUBUHANA, C. **Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro**. 2005. 210 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. SUBUHANA, C. **Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais**. 2007

SUBUHANA, C. **O estudante convênio: a experiência sócio-cultural de universitários da África Lusófona em São Paulo, Brasil**. Texto apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro-BA, 2008.

LANGA, E. N. B. **Diáspora Africana no Ceará: representações sobre as festas e as interações afetivo-sexuais de estudantes africanos (a)s em Fortaleza**. Revista Lusófona de Estudos Culturais/ Lusophone Journal of Cultural Studies, v. 2, n.1, p. 102-122, 2014.

FIRMEZA, George Torquato. **Brasileiros no exterior** / George Torquato Firmeza. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

FARIA, Maria Rita Fontes. **Migrações internacionais no plano multilateral: reflexões para a política externa brasileira** / Maria Rita Fontes Faria. – Brasília: FUNAG, 2015.

RIBELO, Aldo. **Afinidades Brasil-África na Cultura, Esporte e Turismo**. In: **Colóquio sobre as Relações Brasil África**. Brasília: Instituto Rio Branco, 2002, p. 93.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TOLENTINO, Nancy Curado. 2009. "**Migrações, remessas e desenvolvimento: o caso africano**". Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS .Workingpapers nº 9/2009

Outras Fontes

FRANCISCO, Wagner De Cerqueira E. "Guiné-Bissau "; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/guinebissau.htm>>. Acesso em 25 de abril de 2016.

www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.php
Acesso em 12 de fevereiro de 2016

<http://www.oplop.uff.br/boletim/1572/episodio-em-faculdades-do-ceara-expoe-precariedade-das-condicoes-de-vida-dos-estudantes-de-guine-bissau-no-brasil>
Acesso 10 de agosto de 2013

www.planalto.gov.br acesso: 30 de setembro de 2015
www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.php Acesso em 14 de abril de 2016

<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=69072> Acesso em 10 de dezembro de 2015

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34739> Acesso 10 de dezembro de 2015

<http://www.afreaka.com.br/notas/unilab-universidade-da-integracao-internacional-da-lusofonia-afro-brasileira/> acesso 10 de dezembro de 2015

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm
Acesso em 12 de fevereiro de 2016

http://www.suapesquisa.com/geografia/populacao_brasileira.htm
Acesso em 12 de fevereiro de 2016

<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mais+de+3+milhoes+de+brasileiros+vivem+hoje+no+exterior/n1597067659662.html> acesso em 20 de abril de 2016

www.cartacapital.com.br acesso em 20 de abril de 2016

7. ANEXOS

QUADRO DOS ENTREVISTADOS

| Nomes | Curso/graduação | Faculdade | Grupo étnico |
|------------------------|--------------------------|---------------|--------------|
| Afonso Pereira | Contabilidade | UFC (PEC-G) | Manjaco |
| Antônio Correia Junior | Tecnologia da Informação | FATENE | Manjaco |
| Adriano Cuma | Processos Gerenciais | ATENEU | Mancanhe |
| Cristiano Sanca | Administração Hospitalar | FIC | Mancanhe |
| Fernando Gomes | Processos Gerenciais | EVOLUÇÃO | Manjaco |
| Garinja Maria | Administração | ATENEU | Mancanhe |
| Gino Pereira | Processos Gerenciais | EVOLUÇÃO | Mancanhe |
| Veniciano Nosoliny | Tecnologia da Informação | FATENE | Papel |
| Narciso Mendes | Processos Gerenciais | DARCY RIBEIRO | Manjaco |
| Nino Fernandez | Administração | DARCY RIBEIRO | Papel |
| Tito Dju | Administração | ATENEU | Papel |